ANDARILHO

O ÔNIBUS PAROU PERTO do restaurante velho no meio da cidadezinha. Ele olhou seu mapa e depois a rua pela janela. Estava muito perto. Em reflexo automático, sua mão foi para os bolsos da frente. Mais uma vez o celular não estava lá, pois ele não precisava mais dele. Lembrou-se do barulho que o mesmo fez na parede. Não fora grande coisa. Também não foram mil pedaços, mas a sensação de término, de encerramento, de finalização daquele aparelho compensou a falta de espetáculo. Naquele particular momento da sua pequena história no mundo, ele teve alguma realização, mesmo que destrutiva, lhe satisfazendo imensamente. Porém, o que veio depois na cabeça do jovem foi só um longo e cansativo dominó de fatos que culminaram neste lugar perdido na costa oeste. Parte de si (ingenuamente, pois tinha apenas dezessete) achava que iria desistir da viagem no meio, que tudo iria passar, da mesma maneira que inverno cedia lugar a primavera todos os anos. Mas a bola de neve de sua angústia engoliu tais pensamentos diariamente até que não sobrasse mais nada a não ser o silêncio: este veio para ficar.

As pessoas começaram a sair do ônibus.

Quase desinteressadamente, ele pegou sua pequena mochila de academia onde deveriam estar coisas como roupas extras, desodorante, calças e camisas. Não era o seu caso. Apalpou a mesma com certo cuidado e aquele certo conteúdo continuava lá. Era muito mais pesado do que tinha imaginado, e com certeza bem mais caro. O silêncio concordou mentalmente com ele.Sua fome pronunciou-se sonoramente, mas ele a ignorou. Seu novo amigo, que agia lerda, porém continuamente, fez a mágica habitual. Em pouco tempo não havia mais nada lá. Só ele e o silêncio; e o silêncio era bom.

Percebeu-se sozinho no ônibus. Em um gesto lento e cansado, tocou seus cabelos. No ano passado usara gel para segurar tudo em um mesmo lugar, mas depois deixou crescer sem muitas preocupações. A vida segue, e em muitos casos (como o dele) rolando escada a baixo e quebrando alguns ossos no caminho. Entre todas as outras coisas que deram errado, ela era de longe a mais importante para ele. Ela e suas *tattoos* coloridas pelas costas, discurso maluco e cabelo pintado raspado ao lado fumando Marlboro. Eram diferentes, mas ele pouco se importou quando ela o arrebatou (na verdade, o consumiu) em um golpe destes que o destino reserva. Sabia dos perigos, ignorava conseqüências, mas o que estava por vir aconteceria de qualquer maneira, como um acidente apavorante de perder os freios sem poder fazer nada. Ele tornou-se homem pela primeira vez; ela gritava no motel para que ele não parasse. Talvez o que selou o destino dos dois foi um espetacular fim de semana com feriado, onde ficaram por três dias de festa sem limites. Ele gastou quase todo o mês de seu trabalho de *office boy* e quase todo o limite do cartão, porém valera a pena. Depois disso, o friozinho na barriga era onde ele se agarrava, vacilante. Durou um ano e meio para ele; para ela foi um casinho de três meses desinteressante onde aprendera a não se envolver com gente grudenta.

Ele sentiu o nó no pescoço como nunca. Seu cúmplice silêncio vinha e lhe abraçava nestes momentos, e ele reconhecia os méritos do companheiro durante a viagem. Parceiro fiel, o silêncio talvez tinha um abraço forte demais, onde costelas estalavam. Uma ou outra mordida de dentes afiados em suas orelhas. Suas necessárias intervenções sempre doíam. O jovem desconfiava do poder dele, mas aceitava os métodos selvagens e eficientes, pois certo momento em desespero pedira ajuda de alguém para esquecer tudo e ele viera.

Piscou os olhos e sua mente voltou sua atenção para dentro do ônibus.

*É mesmo tudo uma grande merda,* percebeu-se pensando. Respirou forte. Enquanto isso, o silêncio fazia sua parte: arrebatava e destruía as imagens do caos de seu passado. Uma a uma, as memórias cediam e diluíam-se como reação rápida a um ácido mental. Seu parceiro de viagem não deixava nada para trás, de impaciente fome voraz. Mesmo assim, o ego ferido barganhava, reconstruía tudo de novo; ilustrava o que tinha dado errado, cortando na carne sem piedade, nas mesmas cicatrizes. O jovem estava cansado e dolorido, pois a mente não dava o braço a torcer.

*Não vai ser fácil.*

O silêncio e ele concordaram enquanto só o frio na espinha reclamava sozinho, como criança largada em frente à TV pelos pais. Deu-se conta que estava a mais de catorze dias e seis horas sem falar com ninguém. Algo batia novo e forte no peito ao entender que a distância no mapa era ínfima. Nos últimos dias de viagem ele quase não sentia nada. Era como afundar em algo fofo; devagar e inevitável.

*Não me lembro mais do rosto dela!*

O silêncio arrebatador limpava as imagens de seus terrores pessoais com destreza ímpar: se fosse um retrato, nada de pinceladas artísticas e sim baldes brancos de tinta por tudo. Ele também questionava sua sanidade, mas até isso era silenciado.

*E o que isso importa?*

“Tomara que não chova.” surpreendeu-se dizendo ao vazio do corredor em uma voz alienígena, abafada, embargada, rouca. O silêncio reclamou com a aparição de novas cores em sua mente. O jovem baixou sua cabeça, reconhecendo o acordo entre eles, e o resto rolou ralo abaixo para a imensidão nula.

2

Caminhava agora pela rua lutando contra a fome. Era pequeno e magro. Nos últimos dias vivia de lanches como cachorro quente, refrigerante, pastel e pizza. Depois da primeira semana, só de olhar sua comida ele se enojava. Não poucas vezes, pulava a janta em desprezo. Emagrecera cinco quilos segundo a balança. O espelho revelava muito mais, porém ele quase não se via. Não ousava. De companhia, o silêncio lhe bastava e cobrava seu preço a todo instante, com fortes apertos em sua garganta e afundando seu peito quando ele pensava no que estava fazendo. No fim do dia, ele sentia-se deslizar naquele fofo branco de limpeza, de quietude do amigo. Parte de si desconfiava se não era engolido, mas ele estava muito cansado.

Durante toda a viagem, notara que as pessoas sabiam do seu companheiro, mas desviavam os olhares instintivamente como se ele estivesse infectado com algo poderoso. Seu silêncio aparentemente era tão forte que irradiava e escapava de seu corpo físico ocupando espaços nas cadeiras próximas. Teve um pequeno delírio onde o branco de sua mente saia pela sua boca e nariz criando monstruosidades pálidas e gosmentas, avançando até as pessoas que gritariam em terror, nojo e repulsa. Mas, para sorte geral, aparentemente o silêncio gostava somente dele.

Após alguns instantes de hesitação que lhe deram arrepios por toda a sua espinha, ele iniciou uma corrida com a mochila nas costas (tornara-se quase um garoto de colégio a não ser pela barba) e foi se aproximando até o hotel que tinha marcado no mapa. Já nem se lembrava por que escolhera tal pocilga nos fins do outro lado do mundo. Algumas mexidas no mouse em cima do mapa foi o que bastou, e ele não quis nem contestar. Escolhera uma área verde ao menos. *HOTEL FAZENDA CRYSTAL em dois quilômetros*, dizia a placa. Parou. Olhou para trás. O ônibus já tinha saído.

*Por que tentar mais uma vez? Você é fraco, muito fraquinho. Não tem personalidade. Não tem ao menos cérebro. É mais um desses que acham, mas não sabem nada.*

Rachel e suas últimas palavras. Seu ego não estava disposto a nada, a não ser guerra total. Na verdade parecia totalmente desesperado. Ele, o silêncio e o ego nunca conseguiam chegar a uma escolha de consenso, embora o silêncio ganhasse sempre no cansaço e o ego perdia reclamando interminavelmente pela vergonha de tudo o que passara, como um velho mendigo louco de praça.

*Você me mata com todas estas perguntas idiotas.*

“Por favor...” balbuciou o jovem tropeçando em um caminhar esquisito junto com seu malabarismo mental. Somente desta vez, o silêncio não estava intervindo, apenas observava de longe quase como um médico vendo um paciente agonizar e cruzar seus braços. O jovem imediatamente ficou apavorado e enraivecido: encontrava-se sozinho em sua mente com os horrores a gritarem sem parar.

*Hey, não era este o acordo! Me ajude!*

O jovem sentou ao lado da calçada, com mãos tremulas nos olhos junto ao seu cabelo seco e fedido. O céu cinzento também deu de ombros. Por uma destas ironias do destino havia um telefone público a poucos passos de si, no mesmo lado da rua. Ele (ou o Ego, já não sabia mais quem estava no comando) dobrou seu pescoço para lá desesperadamente. Nem mil quilômetros o distanciavam de uma única chamada que encerrariam a viagem e o sofrimento.

*Pai, vem me buscar!*

Mas o ego continuava, pois estava ferido mortalmente e não deixaria por menos tudo o que sentia.

*O mundo seria um lugar muito menos chato sem você.*

Foram exatamente estas palavras que o fizeram sair de casa, sem pensar muito. Limpou o rosto de suas lágrimas. Por todo o trajeto, não tinha mais ninguém, só a estrada, o próximo ônibus, o próximo restaurante, o próximo hotel, provavelmente sujo e barato de forro sujo e mofado. Agora que chegou ao destino, nem a estrada lhe restava mais. Em desespero, ele chorou forte por um tempo que parecia não ter fim.

O silêncio deixou o rapaz gritar até não lhe sobrarem mais forças, e então voltou a abraçá-lo, calando sua boca, olhos, ouvidos e nariz com garras ágeis, habilidosas e conhecedoras. O aperto foi tamanho que seu peito doeu e o jovem reclamou ao ar lhe faltar, dobrando-se na calçada encostando sua cabeça aos joelhos.

Aos poucos o nó em sua garganta cede e desce abruptamente, queimando tudo pela frente. Vomitou seu almoço *junkie* em duas golfadas intermináveis. Aquela situação lhe deixou furioso e sua raiva e a dor em sua garganta lhe bastou para continuar sua caminhada ignorando o poste telefônico, subindo a rampa de veículos e entrar no hotel fazenda em passos rápidos e decididos.

Dentro do hotel, o gerente estava curtindo na televisão um programa de seu seriado favorito. Ele recebeu o dinheiro com um sorriso amarelo, quase não desgrudando os olhos do televisor enquanto entregava a chave ao jovem com a mão estendida no ar impacientemente. Antes de ir para o quarto, o jovem sentiu vontade de falar algo, qualquer coisa, talvez uma última palavra – mas o silêncio apertou sua garganta em um bote tal como uma cobra, sobrando apenas um fiapo de ar em sua boca fechando em um pontinho. O garoto saiu pela sala expulso pelas risadas da televisão, na última vez que o viram vivo.

3

O quarto era muito simples para o que sobrara ileso de sua imaginação. Tinha cheiro de grama com aqueles produtos de limpeza baratos.

*Falta pouco agora.*

A janela aberta deixava a parca luz do dia cinzento entrar. Dali podia ver algumas vacas ao longe, e tinha árvores e grama bem perto. Parecia ser um retiro barato para alguém que precisasse descansar ou escapar um pouco dos concretos da selva de pedra.

Estava já um pouco escuro, mas ele não se importou. Não ligou a luz, como em consentimento com o ambiente. Seu apartamento era pequeno, com uma sala de estar (mesa, duas cadeiras e geladeira) e quarto ao lado, separado não por uma porta, mas por uma destas artes em fios, junto com artesanatos mexicanos. Antes de entrar no quarto, ainda de pé, tirou a mochila das costas e ficou com a arma enorme em sua mão de adolescente. Largou a mochila ao chão, e entrou pelos fios no quarto, tremendo dos pés à cabeça.

Para sua surpresa, em cima da cama, havia um velho videocassete conectado a pequena TV ao lado. Uma fita VHS estava evidente à frente, com o rótulo: *Para você, Matt.*

*Corra* gritou o silêncio em pânico, mas pela primeira vez, o jovem o ignorou. Sentou-se na cama, segurando forte a arma enorme ainda em sua mão direita de adolescente. Olhou aquela relíquia dos anos 90, a fita enorme em sua mão. Parecia nova e intacta. Olhou seu nome ali, e um esboço de sorriso desenhou-se.

*Vá embora, agora!* reclamou o silêncio, agora mais diminuto.

O absurdo daquilo não o fez pensar, em um gesto rápido colocou a fita no aparelho. Com o coração batendo forte, olhou para a televisão, onde chiados e estática dominavam o monitor. Enquanto sentia uma sensação de zumbido em suas orelhas e um frio generalizado, a imagem de um monge encapuzado surgiu no televisor, onde podia se ver somente seus lábios roxos em uma quase penumbra de luz. Era extremamente pálido, o que deixou o jovem um pouco assustado.

“*Matt*. Sei que está com uma arma na mão e cada segundo que eu falo, você pode pensar em desligar o aparelho e finalmente terminar sua viagem. *Não faça isso!* Nãoconfie também em seus pensamentos, eles o podem trair.”

“Mas que merda é essa?” disse Matt ao televisor.

“Mas que merda é essa.” respondeu o monge.

“Pára com isso.” disse Matt.

“Pára com isso.” falou novamente o monge.

O jovem levou sua mão à boca. O Monge esperou um momento, e depois continuou a falar.

“Desculpe, mas precisava me fazer entender. Isto não é só uma fita gravada, e sim uma conversa. Não quero entrar em detalhes, mas posso me comunicar com você. Hoje é 23 de janeiro, 1992 para mim. Guardei instruções para que você recebesse esta fita pelo meu mestre, que está ao lado, na porta.”

O nariz do monge sangra um pouco. A imagem treme, e o jovem se desconcentra. Sente vibrações em seu corpo que nunca presenciara, o fazendo vergar um pouco a cabeça para cima em um calafrio. Matt olha ao redor ansioso e algo dentro de si ruge em raiva incontrolável. Sua mão sozinha colocava a arma em sua cabeça, lenta porém decididamente.

*“Resista!”* grita o monge pelo monitor, cuspindo sangue pelo nariz e boca.

O jovem então chora mais uma vez. Ele não entende nada, e sua cabeça é uma confusão de sentimentos que ele entende que precisa ser encerrada.

*Vamos terminar logo com isso.*

Seu dedo indicador toca o gatilho.

“Garoto. Esta á décima fita que gravo, pois o futuro é um alvo em movimento. Já vi você estourar a cabeça todas as vezes. Eu... simplesmente não sei mais o que fazer.”

Matt recoloca a arma em sua boca, fecha os olhos e chora.

“Estou fi-fi-ficando l-louco.” gaguejou o jovem.

“Escute, você é a minha próxima encarnação, por isso posso me comunicar com esta clareza. Você deve sentir a minha presença. Dividimos o mesmo espírito. Minha aparência é diferente, mas deixe isto de lado por agora, acredite em mim. Tire esta arma da sua boca!”

O silêncio no quarto continuou por alguns momentos. A mão tremia sozinha. Matt sentia vibrações pelo torso inteiro.

“Por favor. Abra seus olhos.” suplicou o monge.

“Me deixe em paz.” falou Matt como uma criança pequena.

“Eu... estou morrendo, também.”

Matt piscou seus olhos, e viu o rosto do monge agora sem capuz no televisor. Ele sangrava pelo nariz, e estava ferido por toda a parte. Sua pele branca só piorava o aspecto dos machucados.

“Somos guerreiros, Matt. De grande linhagem. Espíritos livres em busca de acertos de contas difíceis no cosmos. Somos parte da resistência e vamos aos lugares mais perdidos do universo para fazer o certo.”

*“O quê?”* diz o jovem.

“Sei que o meu próximo *Karma* é deixar as coisas acontecerem e aceitar as coisas como são. Falharei mais uma vez. Pela arma na cabeça eu ainda não sei perdoar meus erros.”

Matt tira a arma da boca e a olha com estranheza. O zumbido agora estava mais forte em sua cabeça. Algo acontecia em sua pele, seus pés formigavam um pouco. O impossível estava realmente acontecendo.

“V-Você está m-morrendo?” pergunta Matt.

“Sim, falta pouco agora. Eu não tenho mais nenhuma opção, e estamos perdendo feio uma guerra que você não percebe que acontece, e fui ferido em um local onde não tenho acesso a um *medpod*.”

“Como?” pergunta Matt sem entender.

“Não consigo ver o futuro adiante desta nossa conversa. Isto significa que um novo veio no tempo é provável. Antes de gravar a fita, tudo estava perdido, nós perdemos a guerra, e como você sabe...”

“N-nós não sabemos desistir.” completou Matt pressentindo o que o outro iria dizer de uma maneira telepática.

“Sim. Posso ver que já está interagindo, isso é bom. O problema de nossa linhagem é que temos faculdades avançadas acessíveis, mesmo em encarnações humildes como a sua. O *geist* não deixa que o véu seja completamente fechado e assim, temos muitas confusões durante a adolescência.”

O jovem sabe instintivamente o que ele está falando e engole em seco. Muitas vezes podia pressentir o que as pessoas iriam falar só de olhá-las por um momento. Mantivera aquilo com ele, mas o monge em 92 sabia.

“Por tudo isso, você têm viajado junto com um demônio. Você chamou-o em pura intuição, sem saber o que estava fazendo. Isto também aumenta a influência e poder dele sobre você. Esta entidade é forte demais para seu nível atual.”

“O...” começou Matt, sentindo algo vasculhar sua mente.

“Silêncio. Sim. Ele está ai, e sugou toda a sua vitalidade durante a viagem. Está muito resignado em ficar pelo que posso ver, devido a quantidade prânica envolvida em suas emoções.”

“Pare de falar assim, eu não entendo nada!” suplicou o jovem.

“Desculpe. Ele quer matar você.”

“Ele... me ajudou.” disse Matt, colocando a arma perto da cabeça, com as costas de sua mão na testa, confuso e nervoso.

“*Não!* Ele o trouxe para cá, provocou seu ego muito além do limite e vai te matar fazendo você pensar e agir achando que são todas as suas decisões. Nunca viu nos jornais pais e mães que envenenam seus filhos e depois se matam? Eles influenciam pouco a pouco, normalmente pessoas predispostas... a violência. Chega um dia que a pessoa arrebenta.”

As palavras do monge saiam com sofreguidão, e ele tremia por toda a face durante seu silêncio. O garoto percebeu que manter aquela conexão ativa era muito difícil. O áudio registrava a força na respiração do outro, que era de um homem vacilando entre a morte e a febre dos últimos momentos de vida.

“Isto não pode... ser verdade.” disse Matt, desconfiado.

Houve outro instante de silêncio, onde o monge apertou seus olhos em raiva, cuspiu sangue e falou baixinho, em tom desafiador.

“Sentiu os apertos na garganta, peito e dores de cabeça, não? São os centros transcendentais sendo sugados. Olhe ao redor, você ia se matar por causa de uma garota estúpida, que inclusive já está morta.”

“Cale a boca!” veio a resposta rápida, confusa e dolorida.

“Estou perdendo tempo com você. Ambos iremos perder tudo. Esta é a nossa provação, garoto.”

O garoto examinou seus sentimentos. Notou que havia algo de novo, e que não tinha mais a mesma ansiedade de antes.

*Isto está mesmo acontecendo.*

Estava mais leve, e podia perceber agora algo junto com ele, frio e elétrico em todo o redor – estava arrepiado nos braços e pernas.

“Eu não deveria interferir, mas não posso largar tudo sem lutar. Tive de fugir para um local onde meus aliados não conhecem, aqui em um dos meus primeiros locais de treinamento. Um dia meu mestre vai voltar aqui e encontrar a fita, que irá entregar a você.”

Matt olhava para a arma, agora incrédulo.

*Eu realmente iria me matar.*

Naquele momento, não sentia mais toda aquela confusão mental. Colocou a pistola de volta na mochila rapidamente.

*Têm um demônio dentro de mim.*

Olhou-se no espelho ao lado e recuou para trás, horrorizado com o que se tornara.

“A entidade está adentrando rápido em você, escondendo-se. Posso sentir seu sistema transcendente oscilando. Por sorte, é um demônio andarilho bruto, mas experiente. Vai atacar de novo quando tiver mais chance de sucesso; por ora vai sumir. Deixe o monge entrar, ele pode lhe ajudar.”

O jovem ia começar a falar, quando o monge na imagem agarra a filmadora e cai, em grande estrondo. Com o rosto ao chão, ele fala fechando os olhos, em um último esforço.

“Isto é tudo real, Matt. A-agora s-sou um esqueleto enterrado em algum lugar desconhecido. N-não consigo mais manter-me... v-vivo. Confiei ao monge nosso p-plan...”.

A cabeça dele cessa os movimentos. Sem dúvida, está morto. A fita entra em estática. O jovem tira a fita do vídeo-cassete. Começa a andar de um lado ao outro. Tudo aquele zumbido se cessou, como um passe de mágica, e ele se sentiu efetivamente sozinho no quarto.

*“Matthew.”* veio uma voz grave do corredor.

Matt abriu a porta, e um senhor de idade com uma sacola preta entrou sem muitas cerimônias. Parecia como qualquer outro senhor de oitenta anos, talvez um pouco mais bronzeado que o normal, que o olhou de cima a baixo, num misto de raiva e cansaço.

“Não mudou nada. O mesmo merda de sempre.” disse o senhor.

“O-obrigado.” disse o jovem um pouco nervoso.

“Você escapou da morte, mas isso não significa que tudo acabou. O andarilho ainda está dentro de você, e ele não precisa de pistola nenhuma para te matar. Acredite: você nem vai percebê-lo agir. Agora que ele sabe todas as suas fraquezas, vai conduzir você como uma marionete, e você culpará todo o mundo enquanto corta os pulsos. Estamos compreendidos?”

O jovem senta na cama.

O velho abre a sacola, dentro do estojo tira um frasco.

“Agora me escuta. Você pode sair por esta porta, se internar em um destes locais para os que querem se matar, tomar os comprimidos e esperar alguns anos até que o andarilho decida que está perdendo tempo com você e ir para o próximo maluco onde ele terá mais condições de se alimentar sem ser incomodado. É arriscado, mas é uma vida.”

Matt olhava o frasco com olhos frios. O velho tirou o pequeno vidrinho, e deu lhe um peteleco com seus dedos.

“Com isto, nós vamos para a guerra. O andarilho não resistirá ao efeito deste frasco. É tudo o que posso dizer.”

“Mas, o que irá acontecer comigo?”

“Você vai renascer. Não será o primeiro, nem o último.”

O jovem trincou os dentes em raiva. O velho então tirou uma arma de dentro de seu casaco e apontou na cabeça de Matt.

“Posso facilitar as coisas.” disse o velho engatilhando a arma.

Matt olhou para a janela por um longo tempo. Não teria coragem de se internar. A humilhação seria devastadora. Agora sozinho com o demônio, ele pressentia aquela velha companhia crescendo suas unhas de novo.

*Somos amigos, certo?*

Aquela voz em sua mente, seria a sua mesmo? Como saberia se estaria sob influência ou em próprio arbítrio? Em pânico, sentiu novamente a cabeça ficar leve, tal como aconteceu no inicio da sua viagem, onde tinha certeza de que tudo estava sobre controle.

“Vá em frente.” disse o jovem, oferecendo seu braço trêmulo.

A picada veio rápida, e o efeito lhe parecia como seu braço fosse inflado como um balão, mas com um líquido fervendo. Matt gritou. Ele recebeu uma coronhada, e sua consciência foi direto ao preto. O velho tirou suas roupas e colocou nele um outro traje escuro, que mais parecia como uma roupa de borracha. Levantou o garoto magrelo usando apenas um braço, passando pela janela. Largou as roupas antigas por ali, tirou o resto do dinheiro e jogou a carteira dentro do apartamento. Enquanto corria para a van estacionada ali perto, o velho falou com muita propriedade:

“Regra número um: nunca aceite propostas de estranhos.”

*(esta formula irá destravar todos os códigos genéticos que os sumérios colocaram para eventualmente utilizar a população humana como soldados em suas guerras. Fim da primeira guerra mundial foi o dilúvio).*

Fim (1): Matt consegue finalizar a nave, foge da terra destruída e quando está entrando no hiperespaço, o computador reconhece a assinatura genética do outro guerreiro e re-implanta todas as memórias. Ele morre e o antigo líder renasce.